

Gabinete de Israel se divide acerca de retaliação ao Irã

Sob pressão, Israel se divide sobre como responder a retaliação do Irã

Gabinete de Netanyahu não define escala ou momento de reação, desaconselhada pelos EUA

SÃO PAULO No dia seguinte à inédita ofensiva do Irã com centenas de drones e mísseis lançados contra o território israelense, o governo de Benjamin Netanyahu afirmou que conteve o ataque e prometeu resposta. O gabinete de guerra, porém, reuniu-se neste domingo (14) por mais de sete horas e não conseguiu chegar a um consenso sobre a escala e o momento de revidar. Era provável que o grupo voltasse a discutir o assunto nesta segunda-feira (15).

Mais cedo, um dos membros do gabinete de guerra, Benny Gantz, disse em comunicado oficial que o premo do Irã seria cobrado "na forma e no momento certo para nós".

O impasse israelense reflete os sinais dados por aliados no Ocidente de que não concordam com uma eventual contraofensiva israelense direcionada a Teerã, sob risco de escalar a guerra Israel-Hamas para um conflito regional. O regime iraniano alertou Israel e os Estados Unidos sobre uma "resposta muito maior" se houver qualquer reação.

Segundo um funcionário da Casa Branca, o presidente Joe Biden disse a Netanyahu que seu governo não vai participar de qualquer retaliação israelense.

A ameaça de guerra aberta entre os arqui-inimigos do Oriente Médio e de envolver os EUA deixou a região em alerta. Washington afirma que não busca conflito com o Irã, mas não hesitará em proteger suas forças e os israelenses.

Em entrevista à CNN, o presidente de Israel, Isaac Herzog, também disse não querer outra guerra e que "é necessário ter equilíbrio nesta situação". Herzog declarou que as autoridades israelenses estão agindo de "cabeça fria e de forma lúcida".

Em sessão de emergência do Conselho de Segurança da ONU neste domingo, o representante permanente de



Garoto passa por bateria do Domo de Ferro, sistema antimíssil de Israel, em uma vila no deserto de Neguev. Ahmad Gharabli/AFP

Israel, Gilad Erdan, subiu o tom e comparou o aiatolá Ali Khamenei, líder supremo iraniano, a Adolf Hitler. "O regime dos aiatolás tem um plano claro: seu objetivo tem sido e continua a ser dominar o mundo, exportando sua revolução xiita radical pelo mundo", disse o israelense.

"O regime islâmico de hoje não é diferente do Terceiro Reich, e o aiatolá Khamenei não é diferente de Adolf Hitler. O Terceiro Reich de Hitler foi pensado para ser um império de mil anos alcançando vários continentes, assim como Khamenei vê sua hegemonia xiita radical para alcançar toda a região e além."

Em resposta, o representante do Irã, Amir Saied Iravani, disse que a ação "foi necessária e proporcional". "Foi preciso, mirou apenas alvos militares e foi feita de forma cuidadosa para minimizar o potencial de escalada e prevenir danos a civis", afirmou.

O secretário-geral da entidade, António Guterres, instou os países a terem "o máximo de comedimento". "A população da região enfrenta um perigo real de um conflito devastador. Agora é a hora de desarmar e reduzir as tensões. Precisamos recuar do precipício."

Na mesma linha, o G7, grupo que reúne as sete economias mais industrializadas do

Ocidente, condenou o ataque iraniano, pediu "moderação" e defendeu um "cessar-fogo imediato" em Gaza.

"Condenamos de forma unânime o ataque sem precedentes do Irã contra Israel", informou Charles Michel, presidente do Conselho Europeu, após a reunião por vídeo-conferência do G7. "Todas as partes devem mostrar moderação. Manteremos os nossos esforços por uma desescalada. Acabar com a crise em Gaza o mais rápido possível, especialmente por meio de um cessar-fogo imediato, pode fazer a diferença", declarou.

Depois de reunião virtual, os líderes do G7 emitiram comunicado afirmando que o Irã se arriscava a "provocar uma escalada regional incontrolável" no conflito. "Nesse espírito, exigimos que o Irã e seus aliados parem com seus ataques", dizia a nota.

Biden afirmou que usaria a reunião do G7 para coordenar uma resposta diplomática ao que chamou de ataque desastroso de Teerã.

O Ministério das Relações Exteriores do Irã convocou os embaixadores do Reino Unido, França e Alemanha para questionar o que se referiu como sua "postura irresponsável" a Israel. "Na noite passada, os corajosos e zelosos integrantes da Guarda Revolucionária Iraniana viraram uma página na história da autoridade do Irã e ensinaram uma lição ao inimigo sionista", disse Raisi em comunicado, de acordo com a Irna.

Também no sábado, pela manhã, a Guarda Iraniana apreendeu um navio de carga ligado a Israel no estreito de Hormuz, uma das rotas de transporte de energia mais importantes do mundo, destacando os riscos para a economia mundial de um conflito mais amplo. No entanto, em um sinal de que pretendia minimizar os danos de sua ação, o país disse ter notificado seus vizinhos sobre o ataque noturno, destacando os riscos para a economia mundial de um conflito mais amplo.

Teerã lançou o ataque em resposta ao bombardeio à embaixada iraniana em Damasco, na Síria, que matou membros da Guarda Revolucionária do Irã, em 1º de abril. O regime comandado pelo aiatolá Ali Khamenei atribuiu a autoria a Tel Aviv, que não confirmou envolvimento, mas continuou a ser responsabilizado.

O ataque com centenas de mísseis e drones, em sua maioria lançados do interior do Irã, causou apenas danos moderados em Israel, já que a maioria foi interceptada com a ajuda de aliados, incluindo os EUA, Reino Unido e Jordânia.

"Interceptamos, reprimos, juntos venceremos", disse Netanyahu nas redes sociais. As forças israelenses confirmaram que uma base aérea no sul do país foi atingida de forma leve e continuou a operar. E uma criança de 7 anos ficou gravemente ferida por causa de pedaços de um projétil abatido. A agência iraniana de notícias Fars disse que Teerã estava observando de perto a Jordânia, que poderia se tornar o próximo alvo em caso de movimentos em apoio a Israel.

O ministro israelense da Defesa, Yoav Gallant, afirmou que, apesar de frustrar o ataque, a campanha militar não acabou. Ele ressaltou a necessidade de o país estar preparado para todos os cenários.

Como funciona o sistema de defesa antimíssil de Israel

País possui três sistemas

Iron Dome (redoma de ferro), David's Sling (funda de Davi, referência à arma usada pelo herói bíblico para derrotar o gigante Goliás) e Arrow (flecha)

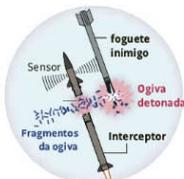
A combinação dos três sistemas permite que Israel se proteja contra foguetes inimigos de curto, médio ou longo alcance

Ângulos de ataque

Abordagem frontal



É a tática mais efetiva. A ogiva do foguete interceptor está na posição que mais favorece



Abordagem lateral



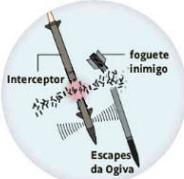
Mirar pelas laterais aumenta a chance de erro, mas a detonação do interceptor ainda pode



Abordagem traseira



Perseguir o foguete por trás diminui a efetividade, já que os fragmentos da ogiva detonada



Como foi o ataque do Irã a Israel

Um dos mísseis lançados contra Israel



Míssil de cruzeiro Paveh 351. Alcance: 1.650 km. Distância de Teerã a Jerusalém (em linha reta) - aprox. 1.550 km

13/14.abr

Na noite de sábado e madrugada de domingo, o Irã lança mais de 300 drones e mísseis contra Israel. Com ajuda de EUA, Reino Unido e Jordânia, Tel Aviv diz ter abatido 99% deles

Arsenal interceptado, segundo as forças de Israel

Cerca de 170 drones, Mais de 120 mísseis balísticos, Mais de 30 mísseis de cruzeiro

- Ataques que atingiram alvos em solo
Explosões reportadas no céu (por interceptação de projéteis)

Map of the Middle East showing missile launch sites and interception points. Includes text about the April 1st attack on the Iranian embassy in Damascus and the April 13th attack on a ship in the Red Sea.

Fontes: Graphic News e The New York Times

Fontes: Theodore A. Postol para o New York Times e Graphic News

Com Reuters

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mundo **Caderno:** a **Página:** 10